

----- ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO
CONCELHO DE ODEMIRA, REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO
DE DOIS MIL E DOZE: -----

----- Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e doze, realizou-se no auditório da Biblioteca Municipal “José Saramago”, em Odemira, uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal, presidida pela senhora Natália Maria Rocha de Brito Pacheco Cabecinha, Presidente da Assembleia Municipal, secretariada pelo senhor Amâncio Francisco Mendes da Piedade (Primeiro Secretário), e convocada pela primeira nos termos do artigo quinquagésimo e da alínea b) do número um do artigo quinquagésimo quarto, da Lei número cinco A, barra dois mil e dois, de onze de janeiro, que veio introduzir alterações à Lei número cento e sessenta e nove barra noventa e nove de dezoito de setembro, conjugado com o disposto na alínea b) do número um do artigo décimo quarto do respectivo Regimento, com a seguinte Ordem de Trabalhos:-----

----- **Ponto Único:** SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO TRIGÉSIMO OITAVO
ANIVERSÁRIO DO “VINTE E CINCO DE ABRIL”. -----

----- Estiveram presentes, para além dos membros da Mesa, vinte e nove membros da Assembleia Municipal, a saber, os senhores os senhores Abílio José Guilherme Béjinha, Ana Maria de Miranda Nazaré Loureiro, António Carlos Ramos Ruas Gonçalo Ventura, Cláudia Isabel Neves Pacheco da Silva, Dário Filipe da Conceição Guerreiro, Dinis Manuel Campos Nobre, Eduardo Abrantes Francisco, Florival Matos Silvestre, Hélder Ledo António, Helena Maria Theodora Loermans, Idálio Manuel Guerreiro Gonçalves, Joana Nunes Cortes de Matos Figueira, João Miguel Nobre Rebelo dos Reis, João Palma Quaresma, Joaquim Borges Rogado, (secretário da Junta de Freguesia de Salvador, em substituição do senhor Humberto Inácio da Encarnação, Presidente da referida Junta), José Gabriel Rodrigues Opanashchuk Lourenço, José Júlio Rosa de Oliveira, José Manuel dos Reis Guerreiro, José Vieira Ramos, Manuel

António Dinis Coelho, Manuel de Matos Sobral Penedo, Manuel Inácio Dias Pereira, Manuel José Pereira Guerreiro Martins, Maria Luísa Vilão Palma, Mário Manuel Lourenço da Silva Santa Bárbara, Mário Neves Páscoa Conceição, Nazário Duarte Viana, Paulo Jorge Dias Reis e Vanda Maria dos Santos Benito da Silva Ribeiro e as ausências dos senhores Alberto José Branquinho Beijinha, José da Silva Valério, Presidente da Junta de Freguesia de Luzianes-Gare, Leonel Nunes Rodrigues, Presidente da Junta de Freguesia de Pereiras-Gare, Manuel Amaro Freire Marreiros Figueira, Márcia Cristina Viana Silva Inácio, Paula Cristina dos Santos Custódio e Sónia Alexandra Martins Raposo.-----

----- Do executivo da Câmara Municipal de Odemira estiveram presentes os senhores José Alberto Candeias Guerreiro, Presidente da referida Câmara Municipal; Hélder António Guerreiro, Sónia Isabel Nobre Correia e Ricardo Filipe Nobre de Campos Marreiros Cardoso, Vereadores eleitos pelo Partido Socialista; Cláudio José dos Santos Percheiro, Maria da Piedade Grego Dias Sobral Barradas e António Manuel Assude Ferreira, Vereadores eleitos pela Coligação Democrática Unitária.-----

----- Registou-se também a presença dos senhores Justino Augusto Baptista Abreu dos Santos e Cláudio José dos Santos Percheiro, convidados na qualidade de ex-Presidentes da Câmara Municipal de Odemira e Manuel António Dinis Coelho, na qualidade de ex-Presidente da Assembleia Municipal de Odemira, bem como, dos representantes das entidades representativas das forças vivas do concelho de Odemira, previamente convidados para assistir à presente sessão.-----

----- **ABERTURA DA SESSÃO** -----

----- Pelas onze horas e quinze minutos, a senhora Presidente da Assembleia, depois de cumprimentar todos os presentes, enaltecendo a importância das comemorações do “25 de Abril”, no nosso país e fora dele e muito em particular no concelho de Odemira, declarou, nos termos da Lei, aberta a sessão e passou de imediato ao tratamento da Ordem de Trabalhos.-----

----- **Ponto Único:** SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO TRIGÉSIMO OITAVO ANIVERSÁRIO DO “VINTE E CINCO DE ABRIL”: Ao dar-se início à sessão solene, a senhora Presidente da Assembleia Municipal passou a palavra aos representantes das diversas forças políticas com assento neste órgão, cujas intervenções se passam a transcrever: -----

----- a) Intervenção do Bloco de Esquerda, pela senhora Ana Maria de Miranda Nazaré Loureiro: -----

----- “Senhora Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras Vereadoras, Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes das Freguesias, Exmos Convidados, Cidadãs e Cidadãos aqui presentes, um muito bom dia a todos. -----

----- É uma honra poder estar aqui presente, convosco, nesta Assembleia, para comemorar o trigésimo oitavo aniversário do 25 de Abril, mais, atrever-me-ia a dizer que me sinto privilegiada por viver num concelho que sempre festejou esta data, que sempre fez questão de celebrar as conquistas conseguidas na sequência de Abril de 1974, que sempre evocou e não deixou cair no esquecimento a luta pela Democracia, tendo sido essa, sempre, a tradição dos grandes festejos de Abril no concelho de Odemira. Acrescentaria, ainda, que comemorações desta envergadura, pela importância que têm e porque são tributos prestados por cada uma das forças políticas, deveriam ser feitos genuinamente e sem senhas de presença. Todos nos propomos festejar a Democracia, uma coisa que não tem preço, pois o seu preço é inestimável para todos nós! -----

----- Talvez seja pertinente, lembrar que há trinta e oito anos o país vivia em guerra, as mulheres, na sua esmagadora maioria, não tinham direito ao voto, recebiam salários mais baixos em aproximadamente 40% em comparação com os homens, as condições de saneamento e abastecimento de água não existiam na maioria dos concelhos (mesmo nas sedes de concelho), muitas localidades não tinham eletricidade, o direito à educação era apanágio de

uma minoria, o acesso à saúde era difícil, a mortalidade infantil era elevada, o direito à paternidade e o apoio à maternidade eram precários e só existiam nos grandes centros urbanos, as condições de trabalho eram conforme o entendimento os patrões, o analfabetismo e a miséria eram a imagem de Portugal no estrangeiro, os nossos partiam, de coração a chorar, porque não havia aqui lugar para todos puderem ter uma vida digna. -----

----- No ensino, uma professora do 1º ciclo não podia contrair matrimónio com um homem que não fosse de idêntico nível cultural mas que podia, em alternativa, pertencer a um nível superior, económica e socialmente. As enfermeiras não se podiam casar para se dedicarem inteiramente à sua carreira. O regime, para terminar este rol de lembranças, defendia e apoiava-se na famosa trilogia dos 3 Fs - Fátima, Futebol e Fado - para que todos andassem muito distraídos e satisfeitos. -----

----- E não havia Liberdade! Havia a censura sobre o que se lia, via e ouvia, havia a PIDE/DGS que vigiava, prendia e torturava, havia uma só formação política, eleições que eram uma farsa, eram proibidas as manifestações e as greves, não havia o direito à livre reunião e associação, não se podia criticar, contestar, reclamar. Os portugueses tinham não só de esconder a sua miséria, mas também de calar o seu sofrimento e a sua indignação. -----

----- E um dia, mesmo com os famosos milagres de Fátima, as vitórias do Benfica e as vozes da Amália, da Hermínia e do Marceneiro, a situação tornou-se insustentável com os sacrifícios pedidos às famílias, quer no envio dos seus filhos para a guerra quer para a emigração para não morrerem à fome, Abril aconteceu. O país estava tão farto de tanta exigência e de tanta miséria que a revolta dos capitães de Abril teve a imediata adesão da população que ocorreu a dar vivas aos militares que tinham tomado conta do poder. Foi linda a grande festa da revolução dos cravos. Foi uma revolução desejada, há muito esperada e que foi mundialmente reconhecida pela forma pacífica como ocorreu. Este povo lutou e acreditou, ousou sonhar com um país mais justo, fraterno e mais igualitário, onde todos fossem

respeitados e não precisassem mais de partir. Aprendeu a viver em Liberdade e fez-se respeitar no concerto das Nações. -----

----- Trinta e oito anos após o 25 de Abril, o que nos aconteceu? Temos uma crise económica, temos problemas sociais que nos envergonham, pessoas que não ganham o suficiente para comer, temos leis que nos tiram direitos, temos políticos que apenas sabem governar roubando-nos a dignidade, temos um país triste, ocupado, onde o futuro parece um buraco negro. Será que não terá chegado a hora de nos debatermos contra as imposições da Troika e dos governos que tiraram aos pobres para dar aos ricos? Será que a crise não é para todos a pagarmos e não só para ser paga por alguns? Os cortes orçamentais estão aí, para justificar todas as medidas. Na educação as turmas são maiores (com um número de alunos idêntico ao de antes do 25 de Abril), o horário de permanência na escola aumentou, o número de horas letivas, idem, na ordem do dia está, não a qualidade da preparação das aulas mas sim a ocupação plena dos tempos letivos dos alunos, não importando como. O número de horas de trabalho aumentou, os subsídios desapareceram, o número de Extensões dos Centros de Saúde é para diminuir, tal como as Escolas são para agrupar, tal como as Freguesias e os Concelhos são para extinguir. Tudo medidas que visam não o direito à educação, à saúde e ao trabalho mas sim cortar, cortar, cortar o mais possível, até parece que se dão alvíssaras a quem inventar a melhor forma de o fazer sem que a população se aperceba do que está acontecer. -----

----- Uma coisa parece certa: uma nova forma de ditadura se desenha - a ditadura da Troika. Ainda vivemos em Democracia mas só resta a liberdade de nos exprimirmos e mesmo essa já vai sendo limitada. Uns calam-se porque são contratados e querem o seu contrato renovado, outros porque têm de ser avaliados e há que cumprir objetivos, demonstrar evidências. O medo instalou-se. -----

----- Eu, que vi este país a lutar e a cantar, vejo-o, hoje, a conformar-se e a chorar. -----

----- Miguel Torga descreve assim a situação: “- É um fenómeno curioso: O país ergue-se

indignado, moureja o dia inteiro indignado, come, bebe e diverte-se indignado, mas não passa disto. Falta-lhe o romantismo cívico da agressão. Somos, socialmente, uma coletividade pacífica de revoltados”.

O meu apelo, neste dia de Abril, é para que não desistamos e que não calemos as nossas vozes, mostrando a nossa revolta e indignação. Voltemos a estar unidos na defesa das conquistas de Abril. Mobilizemo-nos em defesa da Liberdade e da Democracia. Não devemos deixar morrer Abril. Viva o 25 de Abril!

Muito obrigada a todos os presentes, pela atenção dispensada.”

b) Intervenção da Coligação “Odemira no Bom Caminho”, pela senhora Joana Nunes Cortes de Matos Figueira:

“Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exmos. Senhores Vereadores

Exmos. Senhores Deputados Municipais

Ilustres Convidados

Estimados Odemirenses

Assinalamos hoje os 38 anos de Revolução de 25 de Abril de 1974, golpe militar que se transformou em revolução popular.

A queda do anterior regime permitiu trilhar um caminho de liberdades cívicas sem paralelo na história nacional, trazendo um obrigatório repensar da posição geopolítica de Portugal, no que se refere à sua posição de potência colonizadora, bem com no que se refere à sua posição em relação à Europa, que posteriormente levou à adesão ao espaço económico europeu.

Desde a primeira hora que os valores da Revolução de Abril são os valores da liberdade. Esses valores originaram uma profunda, intensa e livre participação político-

partidária que se tornou um exemplo para muitos países do mundo e que hoje é tida como referência pelos povos que lutam pela sua Primavera Árabe.-----

----- Mas, a liberdade que Abril de 74 alcançou não pode esquecer o dia de 25 de Novembro de 1975, que permitiu acabar com influências mais radicais no período do Processo Revolucionário em Curso e deu origem a uma crescente estabilidade.-----

----- A democracia, tal como a conhecemos hoje, resulta dessa estabilidade e do reforço do pluripartidarismo das primeiras eleições de 25 de Abril de 1975 e da Assembleia Constituinte, que redige a primeira Constituição verdadeiramente democrática: a Constituição da República Portuguesa de 1976.-----

----- A Constituição de 76 criou o estado social e democrático, aperfeiçoou a democracia política, económica, social e cultural, trouxe-nos direitos, liberdades e garantias, mas também nos trouxe responsabilidades. Responsabilidades de participação política, responsabilidades cívicas...-----

----- Churchill, político arguto e experiente, dizia que “a democracia é a pior forma de governo imaginável, à exceção de todos os outros”. Conhecia os defeitos desta forma de governo, mas também não conhecia algum melhor.-----

----- Consideramos que, numa época de muitas incertezas, no contexto nacional e internacional, numa época de necessária coragem para tomar opções difíceis, tendo em vista o bem comum, a nossa democracia, a democracia portuguesa é, sem dúvida, um garante de estabilidade.-----

----- Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal-----

----- Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal-----

----- Exmos. Senhores Vereadores-----

----- Exmos. Senhores Deputados Municipais-----

----- Ilustres Convidados-----

----- Estimados Odemirenses-----

----- A fundação do nosso País e a nossa construção desta Pátria multisseculares foi feita de dificuldades, atos de bravura, tremendos erros e glórias universais.-----

----- Ao longo da história nunca foi tradição dos portugueses virar a cara à luta, nunca foi tradição dos portugueses virar a cara à primeira dificuldade. Pelo contrário, somos conhecidos universalmente como lutadores incansáveis por objetivos que considerámos ou consideramos justos, e tal não pode ser olvidado.-----

----- Não nos cabe fazer, aqui e agora, uma resenha histórica da nossa bravura e espírito guerreiro ao longo dos séculos. Cabe-nos, isso sim, elogiar os portugueses que fazem de Portugal um país extraordinário e que, em liberdade democrática, provam que a maior riqueza nacional reside, efetivamente, neles próprios, reside nos portugueses!!!-----

----- Obrigado.”-----

----- c) Intervenção da Coligação Democrática Unitária, pelo senhor Mário Manuel Lourenço da Silva Santa Bárbara, Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria:-----

----- “Ex.ma Senhora Presidente da Assembleia Municipal,-----

----- Ex.mo Senhor Presidente da Câmara,-----

----- Ex.mas Senhoras e Senhores Vereadores da Câmara,-----

----- Ex.mas Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal,-----

----- Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

----- «DE CADA VEZ QUE UM GOVERNO...-----

----- *De cada vez que um governo necessita de segredos,-----*

----- *por segurança do Estado, ou para melhor êxito-----*

----- *de negociações internacionais, é o mesmo que negar,-----*

----- *como negaram sempre desde que o mundo é mundo,-----*

----- *a liberdade.-----*

----- *Sempre que um povo aceita que o seu governo,*-----
----- *ainda que eleito com quantas tricas já se sabe,*-----
----- *invoque a lei e a ordem para calar alguém,*-----
----- *como fizeram sempre desde que o mundo é mundo,*-----
----- *nega-se*-----
----- *a liberdade.*-----
----- *Porque, se há algum segredo na vida pública,*-----
----- *que todos não podem saber, é porque alguém,*-----
----- *sem saber, é o preço do negócio feito.*-----
----- *E, se há uma ordem e uma lei que não inclua*-----
----- *mesmo que seja o último dos asnos ou dos pulhas*-----
----- *e o seu direito a ser como nasceu ou o fizeram,*-----
----- *a liberdade*-----
----- *é uma farsa*-----
----- *a segurança*-----
----- *é uma farsa*-----
----- *a ordem*-----
----- *é uma farsa,*-----
----- *não há nada que não seja uma farsa,*-----
----- *a mesma farsa representada sempre*-----
----- *desde que o mundo é mundo,*-----
----- *por aqueles que se arrogam ser*-----
----- *empresários dos outros e nem pagam*-----
----- *decentemente senão aos maus actores.*-----
----- (Poema da autoria de Jorge de Sena)-----

----- Abril de 74 devolveu-nos a liberdade, liberdade que é um direito de todos os povos e de cada um de nós individualmente. Devolveu-nos a dignidade enquanto povo e o orgulho de sermos Portugal. Fez-nos acreditar que era possível transformar este País, faze-lo mais justo e solidário, mais próspero e socialmente mais avançado, culturalmente melhor. -----

----- Tivemos o sonho e a ambição de sermos de novo percussores e inovadores, e escrever direito por linhas direitas e inscrever na história do século XX a marca do humanismo da alma lusitana. -----

----- A revolução dos cravos, trazia fome de mudança, fome de um futuro melhor, fome por mais trabalho para todos, fome por mais direitos, fome por políticas ao serviço dos mais fracos e oprimidos, fome por reformas dignas para os mais velhos, depois de uma vida inteira de trabalho, porque nunca será digna a sociedade democrática que não valoriza o trabalho e o remunera com justiça, ou não cuida dos seus velhos com a dignidade merecida e os deixa morrer sós e abandonados, e justifica o retrocesso nos direitos como o possível aumento da idade da reforma pelo facto de ter aumentado o tempo médio de vida do ser humano, e o que devia ser considerado um avanço civilizacional, proporcionado pela evolução tecnológica e do conhecimento, tornou-se arma de arremesso contra os mais velhos. -----

----- Perguntamos nós, será que de futuro para se ser bem tratado na velhice e ter direito a uma reforma digna e goza-la com alguma qualidade de vida, todos os homens e mulheres, terão que prometer ao nascer que vão morrer mais cedo?-----

----- Era bom que os mais jovens hoje, se consciencializassem, de que se a sua vida decorrer normalmente, sem acidente ou percalço, também eles serão velhos um dia, e o que determinarem querer dar e fazer aos seus velhos agora, lhes há-de caber em sorte no Outono das suas vidas.-----

----- A vida do ser humano, vale muito mais que todas as teorias económicas e economicistas, que reduzem o Homem a um insignificante número e contribuinte líquido dos

Orçamentos de Estado. -----

----- Passados 38 anos sobre o 25 de Abril de 74, aparentemente há quem queira fazer um ajuste de contas com a história e as conquistas de Abril, impondo a regressão dos direitos sociais, de que são exemplo, o ataque ao Serviço Nacional de Saúde, com o aumento acentuado das taxas moderadoras, a redução do valor do subsidio de doença, as restrições no transporte dos doentes, a desumanidade que é ver doentes crónicos e idosos não terem como ir ao médico e ter de contar os cêntimos para ver que medicamentos levantar, o embaratecimento dos despedimentos, o pagar menos por mais trabalho, a redução do tempo e do valor de subsidio de desemprego, a desregulamentação das leis laborais, a alteração da relação entre o trabalhador e a entidade empregadora, o roubo do subsidio de natal e subsidio de férias na função publica, a ausência de uma politica de família, porque a redução demográfica da população é uma situação muito grave que é urgente inverter, porque a reposição de gerações é indispensável para qualquer país que queira ter futuro. Os aumentos generalizados dos impostos. O aumento do gás, da eletricidade, da água, a subida brutal dos combustíveis. Num país com um ordenado mínimo nacional de 485 euros e reformas de miséria. -----

----- Que paradigma é este que projeto político e social é este que promete um futuro risonho para aqueles que sobrevivam na miséria ou trabalhem por um prato de lentilhas. E todas estas malfeitorias são-nos impostas no preciso momento em que abdicamos da nossa soberania e nos tornámos num protetorado da “troika” após a assinatura do pacto de agressão, pelos três partidos políticos que se auto denominam do arco da governação, o que até é pouco elogioso para os próprios, sabendo todos nós qual é o resultado real da governação deste auto denominado arco governativo, e no buraco em que nos meteram. Era bom que a justiça em Portugal, por uma vez, funcionasse e se sentasse no banco dos réus e condenasse todos os que nos roubaram e enganaram durante os últimos 30 anos.-----

----- Abril é sinónimo de inconformismo, a revolução tem de voltar a passar por aqui como

“bola colorida entre as mãos de uma criança”, dos homens e mulheres que não baixam os braços, que não vergam, que resistem perante a adversidade, a prepotência e o desprezo dos governantes que desenvolvem políticas que degradam as condições de vida e afetam a dignidade das pessoas, atacando os direitos de quem trabalha, os direitos dos mais pobres, dos mais fracos, como são os reformados os desempregados, os doentes, dos que socialmente vivem mais desprotegidos. A festa do 25 de Abril é a luta continuada e intransigente, pela dignidade da condição humana na sociedade e o respeito por todos os direitos humanos, e não de alguns deles, de que muito se falam quando faz jeito e é politicamente correto. -----

----- Esta festa é simbolicamente a mãe que pariu a nossa liberdade. Esta é a grande homenagem ao povo que saiu à rua e fez sua a revolução, militares e civis porque o povo é só um. -----

----- Temos um governo que acha que governar é matar a economia, metendo o país e os portugueses no prego, na penhora “Sarkomerkel”, hipotecando o presente e o futuro da esmagadora maioria dos que servem de moeda de “troika”, à medida do terrorismo financeiro dos mercados, que destroem Estados por usura, com os juros agiotas que praticam, ao serviço do capital sem alma, sem rosto, sem vergonha, selvagem. -----

----- E aqui chegado, lembrei-me das palavras de Almeida Garrett, que passo a citar: -----

----- “Eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos, que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta para produzir um rico?” -- -----

----- Como autarca de uma Junta de Freguesia, não poderia deixar de fazer uma referência e assumir a nossa total discordância à reforma administrativa do poder local, ou seja a extinção e agregação de Freguesias que o atual governo vai impor ao país, há revelia da vontade maioritária das populações que têm na sua Freguesia o seu primeiro contacto com o estado e

nalguns casos, o único. A história repete-se, é sempre igual, sobra sempre para os mesmos, os que menos tem e menos podem. O peso financeiro das Freguesias no orçamento geral do Estado é inferior a 0,2%. Mas esta reforma não é feita para poupar ou reduzir custos, nem servir melhor as populações. O poder das Freguesias é o poder dos afetos, coisa que os tecnocratas e burocratas, nunca irão perceber porque a vida real passa-lhes ao lado, e as pessoas são estatística e gráficos com resultados. E quem jurou cumprir e fazer cumprir a Constituição provavelmente anda a fazer de contas ou a fazer contas à vidinha uma vez que a sua reforma não lhe dá sequer para as despesas. -----

----- Para terminar a intervenção em nome da CDU, irei ler o “Poema Constituinte”, escrito em 1979, para o 3º Aniversário da Constituição, de autoria de E. M. de Melo e Castro. -----

----- Poema Constituinte-----

----- *A Constituição constitui-se de homens e mulheres* -----

----- *cidadãos com a mesma*-----

----- *dignidade social*-----

----- *iguais perante a lei* -----

----- *A Constituição constitui-se de homens e mulheres* -----

----- *antes de se estruturar* -----

----- *em Títulos* -----

----- *Capítulos* -----

----- *Artigos* -----

----- *Alíneas*-----

----- *A constituição constitui-se pela vontade popular*-----

----- *empenhada livremente* -----

----- *na transformação da sociedade portuguesa* -----

----- *numa sociedade sem classes* -----

----- *A Constituição constitui-se por dentro dos braços* -----
----- *e das cabeças* -----
----- *dos homens e mulheres livres* -----
----- *que constroem o socialismo* -----
----- *dia a dia* -----
----- *antes de ele ser o Artigo 2º da constituição*-----
----- *pela via democrática* -----
----- *A Constituição constitui-se de avanços projectos e lutas*-----
----- *no coração* -----
----- *que não admite recuos* -----
----- *nem abdica* -----
----- *do futuro*-----
----- *A Constituição constitui-se da força organizativa*-----
----- *dos que acordam*-----
----- *todos os dias*-----
----- *com um novo intento de viver* -----
----- *porque possuem em si próprios*-----
----- *a soberania* -----
----- *una*-----
----- *indivisível* -----
----- *A Constituição constitui-se dos direitos dos trabalhadores* -----
----- *não distinguindo* -----
----- *idade raça religião* -----
----- *ideologia* -----
----- *com direito ao trabalho*-----

----- *e à retribuição*-----
----- *sem aviltamento*-----
----- *sem exploração*-----
----- *com direito* -----
----- *à existência condigna* -----
----- *à realização pessoal*-----
----- *à higiene e à saúde* -----
----- *à organização* -----
----- *à segurança*-----
----- *à educação e à cultura*-----
----- *ao repouso* -----
----- *às comissões suas*-----
----- *de trabalhadores*-----
----- *defendendo esses seus interesses* -----
----- *e outros*-----
----- *A Constituição constitui-se de consciências livres*-----
----- *antes de se cristalizar* -----
----- *nas palavras e nas frases* -----
----- *num documento lei*-----
----- *A Constituição constitui-se da liberdade de escrever* -----
----- *essas palavras*-----
----- *da obrigatoriedade de cumpri-las* -----
----- *porque por longos anos circularam*-----
----- *interditas* -----
----- *no sangue livre*-----

----- *do povo soberano* -----
----- *Constituição constitui-se das palavras* -----
----- *com que se escrevem os poemas* -----
----- *(como este)*-----
----- *que todos têm direito* -----
----- *de produzir*-----
----- *expressar* -----
----- *divulgar*-----
----- *já que pela palavra* -----
----- *são a criação do pensamento* -----
----- *pela imagem* -----
----- *são a materialização da comunicação*-----
----- *por todos os meios* -----
----- *são a circulação da informação* -----
----- *a que todos os homens e mulheres* -----
----- *têm direito*-----
----- *sem impedimentos*-----
----- *nem discriminações* -----
----- *porque* -----
----- *todos esses direitos* -----
----- *não podem ser impedidos* -----
----- *por qualquer tipo* -----
----- *de censura*-----
----- *a voz soberana do povo* -----
----- *digno e verdadeiro*-----

----- *far-se-á ouvir* -----
----- *defendendo* -----
----- *e* -----
----- *constituindo a Constituição!* -----
----- Viva a Liberdade! Viva o 25 de Abril! -----
----- d) Intervenção do Partido Socialista, pela senhora Cláudia Isabel Neves Pacheco da
Silva: -- -----
----- “Bom dia a todos: -----
----- Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal de Odemira; -----
----- Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Odemira; -----
----- Exmos. Senhores Vereadores; -----
----- Caríssimos colegas membros da Assembleia Municipal; -----
----- Exmos. Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia e das Assembleias de Freguesia
e demais membros destes órgãos; -----
----- Exmas. Autoridades Cívicas e Militares; -----
----- Ilustres e distintos convidados presentes; -----
----- Ilustres Homenageados; -----
----- Minhas senhoras e meus senhores. -----
----- 25 de Abril de 1974 -----
----- Neste ano ainda não era nascida. O meu primeiro contacto com este momento da nossa
história foi na escola onde me foi transmitido o significado desta Revolução e as implicações
que teve na vida dos portugueses. -----
----- Um contacto mais real do que foi para mim, durante alguns anos, o 25 de Abril traduz-
se nas festas de Odemira. Eram dias em que Odemira se transformava e não se parecia com a
vila do resto do ano: música, amigos, noitadas... -----

----- Mas gostaria de fazer uma abordagem diferente a esta temática. Não vos querendo falar em concreto da revolução de Abril, momento que não vivi, prefiro falar do que foi para mim a minha infância, visto que foi vivida na pós-revolução e o que mudou até hoje. -----

----- Gostaria de vos falar também acerca da agricultura e do envelhecimento da população de Odemira e de todo o Alentejo. -----

----- Certamente que muitos de vós se lembram de um Alentejo diferente, onde se cultivava, onde se produzia e se criava riqueza. O Alentejo já foi provavelmente a zona de Portugal que mais riqueza criava através da agricultura. Era uma terra com gente, com jovens e com crianças. Terra de famílias grandes que viviam do trabalho da terra. -----

----- Hoje, temos um Alentejo com paisagens lindas a perder de vista, onde pouco se cultiva, pouco se produz e gera-se pouca riqueza. Uma terra com pouca gente, jovens e crianças. -----

----- Os jovens partiram e ficaram os idosos, que também já pouco cultivam e produzem e não geram riqueza! -----

----- Eu, que me considero jovem, ainda me lembro de ajudar os meus pais e avós a semear e apanhar grandes quantidades de batata. -----

----- Também “descamisei” intermináveis montes de maçarocas de milho. Apanhei muitas azeitonas que depois eram deliciosamente temperadas com orégãos pelas mãos da minha avó. --

----- Também me lembro de beber leite acabado de ser ordenhado da vaca, e comer pão (que a minha avó também amassava e cozia no forno de pedra) barrado com “as peles do leite”, ou com grandes fatias de marmelada que ela fazia com os marmelos das árvores que haviam atrás da casa. -----

----- Também se plantavam “alcagoitas” (amendoins, para quem não sabe o que é) que eram apanhadas e depois torradas no forno...e que bem que sabiam!-----

----- Ainda ajudei o meu avô a tosquiar as ovelhas e depois a lavar a lã retirada que servia

para colchões e almofadas.-----

----- Lembro-me também de muitos anos em que tive de ficar tardes a cortar carne para linguças que eram distribuídas pelas várias lareiras para “fumar”.-----

----- Na altura, algumas destas tarefas não as fazia com muito agrado, é certo, mas hoje dou imenso valor a todas estas experiências e agradeço imenso aos meus pais e avós por as terem proporcionado.-----

----- Mas devem estar a perguntar-se o que é que isto tem a ver com a pós-revolução e com o envelhecimento da população?-----

----- A meu ver, tem e muito!-----

----- Para mim, uma das causas da tão falada desertificação e envelhecimento da população do Alentejo é esta.-----

----- Se é verdade que o Alentejo já foi noutros tempos um lugar próspero, neste momento o emprego é pouco, há pouca gente e muitos jovens têm de sair para procurar melhores condições de vida acabando por não retornar, porque aqui não há trabalho para subsistir.-----

----- Os nossos idosos ficaram, e ficaram sozinhos sem um suporte importantíssimo que é a família! Também eles eram um suporte para os filhos e netos e tinham utilidade no seio familiar.-----

----- Não havia creches, os avós cuidavam dos netos e transmitiam-lhes todos os conhecimentos que eu ainda tive a sorte de receber.-----

----- Sendo este ano o Ano Internacional para o Envelhecimento Activo e Solidariedade entre Gerações, em que se fala muito em medidas para promover um envelhecimento activo, integrado e autónomo, este tema tem toda a pertinência.-----

----- O suporte familiar é uma das medidas que poderá de facto melhorar a qualidade de vida dos idosos e mantê-los até mais tarde nos seus domicílios, autónomos e integrados na família e na sociedade.-----

----- A meu ver uma das soluções para o envelhecimento em Odemira e em todo o Alentejo, está em voltar a um Alentejo próspero, no sentido em que se produza e crie riqueza para que as pessoas regressem e se fixem e para que volte a haver trabalho e gente nesta terra. --

----- Mas não entendam que quero que voltemos totalmente aos modos de vida de anteriormente. Nada disso!-----

----- Acho que é importante ir beber ao passado o que havia de bom e melhorar com os recursos e tecnologias que hoje temos á nossa disposição que facilitam o trabalho na agricultura e melhoram o conforto e a qualidade de vida das pessoas. -----

----- Espero, sinceramente, que surjam novos projetos que valorizem estes pressupostos e que as políticas de saúde os abracem. -----

----- Quero ver esta terra com gente, que se torne uma terra de oportunidades para gerações vindouras, respeitando sempre todas os recursos que a Natureza nos oferece. -----

----- Espero ainda que as minhas filhas (que aqui representam o futuro) deem valor ao trabalho na terra e que quando crescerem se tornem grandes empreendedoras, e não tenham de abandonar o concelho para procurar melhores condições de vida. -----

----- Está nas nossas mãos contribuir para que assim seja! -----

----- Viva o Vinte e Cinco de Abril! -----

----- Viva Odemira!-----

----- Viva o Alentejo! -----

----- Viva Portugal!”-----

----- Seguiu-se a intervenção da senhora Presidente da Assembleia Municipal, Natália Maria Rocha de Brito Pacheco Cabecinha, que se transcreve na íntegra:-----

----- “Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Odemira-----

----- Exmos. Srs. Vereadores da Câmara Municipal de Odemira-----

----- Exmos. Srs. Deputados da Assembleia Municipal de Odemira-----

----- Exmos. Srs Presidentes de Juntas e de Assembleias de Freguesia -----

----- Exmos. Srs. ex - Autarcas do Concelho de Odemira -----

----- Exmas. Autoridades Civas e Militares -----

----- Exmos. Srs Representantes e familiares dos ilustres homenageados-----

----- Exmos. Convidados -----

----- Minhas Senhoras -----

----- Meus Senhores -----

----- Celebrar o “ 25 de Abril de 1974” implica fazer uma análise retrospectiva dos últimos 38 anos da história do nosso país.-----

----- A revolução do ”25 de abril”, que, hoje, nesta assembleia, mais uma vez, nos orgulhamos de celebrar, a também denominada “ revolução dos cravos” marca uma viragem forte na vida do país, abrindo portas à democracia, à ascensão social, à igualdade de oportunidades, à educação, à saúde, à justiça social, à liberdade de expressão a um cem número de oportunidades que, até aí, estavam vedadas à maioria da população portuguesa, fazendo parte das vivências de elites, que persistiam em ficar e perdurar ao longo dos tempos.--

----- Foram tempos, por vezes, conturbados do ponto de vista político, do ponto de vista económico, do ponto de vista social, mas também tempos de renovação, de alegria, de esperança num futuro melhor, de afirmação ...-----

----- As comunidades, nessa época, ganhavam vitalidade, autonomia através de uma participação cívica crescente e com mais conhecimento.-----

----- O acesso a mais conhecimento apresentava-se como fonte de poder de alta qualidade; mais informação foi o ingrediente de força, de riqueza e de democracia.-----

----- Este acontecimento que ocorreu a vinte e seis anos, da viragem do século e do milénio, parecia abrir portas a um novo mundo e todos desejavam e ambicionavam que o novo século fosse próspero, de forte crescimento económico, de um desenvolvimento consolidado... -----

----- Recordo a euforia deste momento, os preparativos para o mesmo, parecendo que, com a viragem do século e do milénio, tudo iria ser melhor; era quase o trocar uma roupa usada por uma roupa nova e no auge da moda!-----

----- Infelizmente, esta euforia começou a dar lugar a sinais de que, uma economia assente principalmente no sector dos serviços, que abandonara, há algum tempo, é certo por forte imposição das regras comunitárias, setores como a agricultura, a pesca, que apostara em demasia no setor imobiliário, com uma corrida ao crédito fácil, foi uma economia que veio a precipitar-se, com consequências, com sequelas graves para a população, tal como desemprego e com tudo o que daí advém.-----

----- Há hoje uma população que sofre!... -----

----- Se há poucos meses atrás, dizíamos que eram os jovens, o grupo que via a sua vida mais comprometida, com menos regalias (muitas delas graças às conquistas de abril), que via, repito, o seu futuro mais comprometido, mais inseguro quando comparado com o dos seus pais, em que a solução ou aparente solução seria a emigração, hoje, a acrescentar a este grupo, estão os seus pais, confrontados também com desemprego, com reformas que tardam em chegar, resultante de legislação elaborada e publicada em diário da república de um dia para o outro, sem diálogo com os parceiros sociais, sendo a justificação para tal procedimento “o interesse nacional”.-----

----- Será que é mesmo “o interesse nacional?” -----

----- Voltando ainda às reformas, que tanto se tem falado nos últimos dias, que desânimo, que quebra de confiança com um estado que deveria ter sido o fiel depositário dos impostos dos seus contribuintes, referindo-me aqui não só aos descontos dos trabalhadores como também os das entidades empregadoras.-----

----- Infelizmente, mais uma área em que, à partida, se confiou no estado, se foi confiando ao longo dos tempos e que, por falta de ousadia ou de conhecimento, não se disse claramente e

atempadamente aos contribuintes, que “as regras do jogo” iam ser mudadas. Quando refiro, atempadamente, refiro-me ao longo do tempo da carreira contributiva e não, praticamente, no final da carreira.-----

----- Enfim, pertencemos a um país em tal estado de fragilidade, de desequilíbrio, que dificilmente irá sair dele. Segundo notícias do “expresso” do passado sábado, pelos seus cálculos, a partir das novas previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgadas esta semana, passo a citar: “a economia portuguesa vai ter o quarto crescimento mais baixo do mundo, em 2017, com uma média de 0,75% ao ano. Piores só o Sudão, a Suazilândia e a Itália. Em 2017, a taxa de desemprego ainda estará em 11,1%, a terceira maior da Europa depois da Espanha e da Grécia”.-----

----- Mas, a que estágio de evolução, chegámos nós?!.....-----

----- É verdade que o problema da economia portuguesa não se pode dissociar das do resto da Europa e do mundo.-----

----- O nosso governo tenta acalmar os ânimos, mais não fosse o seu dever, dando alguma esperança do resultado da implementação das medidas de austeridade sobre austeridade, embora, para o cidadão comum, os frutos pareçam não ser visíveis, com os diferentes tipos de indicadores tão pouco animadores. -----

----- Por todo o lado, todos os dias, a qualquer momento, em qualquer órgão de comunicação social, ouve-se repetidamente uma frase que é comum: “pede-se mais esforço na resolução da crise, pede-se mais esforço na resolução da crise”.-----

----- Será que conseguiremos ainda mais esforço e, em simultâneo, assistirmos ao desaparecimento de “bens tão essenciais”, tal como os serviços de saúde, os serviços de justiça, os serviços de transporte, bem como serviços de proximidade, tal como as autarquias? -----

----- Não será pedir demais a um povo triste, trémulo, desiludido, sem saber para onde vai, apenas sabe que “tem de sofrer” em nome de uma crise, com regras impostas, ditadas do

exterior, vindas de uma troika?-----
----- Não será humilhação a mais? -----
----- Afinal, as nossas conquistas estavam assim tão consolidadas, como julgávamos? -----
----- Enfim, algumas interpelações que deixo a todos os presentes, que carecem de reflexão,
e certamente de definição de caminhos, não esquecendo: quem somos, de onde vimos, para
onde queremos ir? -----
----- Não esquecer que as viragens de grandes acontecimentos na história se fizeram com os
homens e as mulheres determinados e creio que nós também estaremos à altura de os fazer. ----
----- Todos nós membros da Assembleia Municipal, autarcas, empresários, agentes
económicos, população em geral, não seremos demais para pensar o nosso território, o nosso
concelho, a nossa região, o nosso país e contribuirmos para um mundo mais solidário, mais
justo, mais equilibrado, em suma, um mundo melhor!-----
----- VIVA O 25 DE ABRIL! -----
----- VIVA ODEMIRA! -----
----- VIVA PORTUGAL!” -----
----- Registou-se ainda a intervenção do senhor Presidente da Câmara Municipal de
Odemira, José Alberto Candeias Guerreiro, que seguidamente se transcreve na íntegra: -----
----- “Exma. Sra. Presidente da Assembleia Municipal, -----
----- Exm.os Srs. Vereadores, -----
----- Exmo. Sr. Comendador Dr. Justino, um grande amigo, é um prazer e uma honra tê-lo
aqui connosco, -----
----- Exm.os Srs. Membros da Assembleia Municipal e Srs. Presidentes de Junta,-----
----- Exm.os Srs. Convidados, familiares dos homenageados e representantes da entidade
homenageada, -----
----- Exm.os Sr.^a e Srs. Comandantes, -----

----- Exmo. Sr. Padre, -----
----- Exm.os Srs. Diretores e representantes das entidades aqui presentes, -----
----- Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----
----- Resolvi nesta comemoração dos trinta e oito anos falar-vos do coração e falar-vos
daquilo que é o meu entendimento sobre a razão do momento que vivemos. -----
----- É sempre um prazer, é sempre uma honra comemorar o dia da liberdade em Odemira.
Trinta e oito anos, tantos quantos têm aquele feito épico dos Capitães de Abril, que nos
libertaram da ditadura e nos deram a liberdade e uma nova visibilidade, na Europa e no resto do
mundo. Como sabem, são sempre uma referência nacional as Comemorações do Vinte e Cinco
de Abril em Odemira. Tem sido por muitos criticada, muito em especial pela sua dimensão,
mas gostaria de começar por vos dizer que, enquanto formos capazes, faremos destas
comemorações sempre uma referência e sempre um momento de destaque em cada ano.
Consideramos que comemorar Abril em Odemira é diferente para todos, não só para aqueles
que tiveram a oportunidade de o viver, mas também para aqueles que, têm usufruído dos
valores, que abril nos deu.-----
----- Comemorar o Vinte e Cinco de Abril é sem dúvida comemorar entre outros, os valores
de liberdade e de democracia, de liberdade não só no pensamento, mas também de liberdade de
associação, de liberdade de expressão, a liberdade que, ao longo dos anos, tem sido interpretada
de formas nem sempre democráticas por muitos e que, mais do que nunca, está hoje na ordem
do dia. - -----
----- Liberdade de expressão é sem dúvida uma grande conquista de Abril, permitindo
expressar livremente as nossas ideias e de as contrapor, como hoje aqui ficou já bem patente
nas intervenções que acabámos de ouvir. -----
----- A verdade é que muitas vezes não tem sido associado ao sentido da responsabilidade
de quem apregoa e exige respeito, e refiro-me claro, a alguma da nossa comunicação social que

ultimamente, não há dúvida, que tem esquecido um pouco esses valores e, muita vezes, utiliza desse direito de liberdade de expressão para além do sentido de responsabilidade que deve ter, denegrindo, faltando ao rigor que a notícia exige, generalizando demasiado, tomando partido por um dos lados da notícia. É lamentável que não esteja sempre associado à liberdade de expressão, o sentido de responsabilidade e de rigor exigido, e devido àqueles que todos os dias fazem uso desse direito na sua atividade profissional. -----

----- Mas os valores de Abril também nos trouxeram o Poder Local Democrático, eleito diretamente pelo povo, organizado e autónomo. Era, pelo menos, esse o sentimento que todos tínhamos. Porém, nos últimos anos não tem sido bem assim e, a verdade, é que temos vindo a assistir a um conjunto de circunstâncias que nos fazem preocupar e que têm restringido a sua autonomia. -----

----- Minhas Senhoras e Meus Senhores, o que temos assistido nos últimos anos e a que se assiste neste momento, é deveras preocupante, e o motivo principal da minha intervenção nesta sessão Comemorativa do Vinte e Cinco de Abril, propondo-vos uma reflexão conjunta; vivemos um momento conturbado, e enfrentamos novo paradigma do Poder Local. Nada mais será como dantes, depois da chamada “Reforma da Administração Local”, que está a ser proposta pelo governo. Se bem que essa reforma tenha efeitos a partir do novo ciclo político que se iniciará em dois mil e treze, a verdade é que ela será discutida durante os próximos meses, aliás, ela já está em discussão, e parte dessa proposta, já foi mesmo alvo de discussão nesta Assembleia Municipal e deve-nos merecer muita preocupação. Apesar de ser chamada de “reforma”, no meu entendimento não chega a ser uma reforma, sendo um conjunto de propostas que alteram substancialmente, e muitas vezes de forma pouco consistente, aquilo que é atualmente o conjunto de diplomas que regem o Poder Local Democrático em Portugal. -----

----- Trata-se da apelidada “Reforma Administrativa, Financeira e Política do Poder Local”, pretendendo impor uma nova visão e um novo modelo que me preocupa, e que a todos deve

merecer atenção e preocupação.-----

----- Desde logo na proposta de Reforma Administrativa, propondo-se um novo mapa autárquico, com um conjunto de alterações significativas que determinam e impõem a fusão de freguesias. Muitos conhecem a proposta inicial, já discutida nesta Assembleia que teve parecer negativo, ou seja, reprovação, mas que já foi alterada para pior e hoje já está sobre lei e muito brevemente será levada à prática, tendo um efeito que nos preocupa. O efeito prático vai resultar em que cinco freguesias do Concelho de Odemira vão ter que se fundir com outras por decisão do governo, contra o parecer desta Assembleia. -----

----- Quando Comemoramos Abril, comemoramos também os valores da justiça, e da equidade nas decisões. Pois não parece! O nosso país tem quatro mil duzentas e cinquenta e nove freguesias. Será que o Alentejo e o Algarve que têm cerca de duzentas freguesias deveriam reduzir o seu número? Será que esta reforma tem bom senso quando a sul do Tejo, temos cerca de trezentas e cinquenta freguesias, e se aplicam os mesmos critérios do resto país? Provavelmente deveríamos ter critérios que permitissem um mapa mais justo. Se há que refletir sobre as freguesias, certamente não será num Concelho como o de Odemira. Mas como quem faz as normas, geralmente generaliza e não olha para a realidade local, a lei vai-nos confrontar com esta realidade que rejeitamos.-----

----- É uma realidade que me preocupa particularmente, porque as Freguesias e particularmente os seus Presidentes aqui presentes, a quem muito destaco o seu papel ao longo de todos os trinta e oito anos de Poder Local Democrático, têm uma ação fundamental de proximidade e de eficácia na gestão dos recursos, em partilha, muitas vezes, protocolada e acordada com a Câmara Municipal. Tem sido uma gestão eficaz e eficiente, cordata e de uma parceria sem limites. -----

----- Gostaria de deixar à reflexão de todos o impacto que estas medidas terão no Alentejo, ou seja, numa área do território nacional já muito despovoada, com muitas dificuldades nas

acessibilidades e que ao longo dos trinta e oito anos nem sempre foi olhada como outras regiões do país, pelo poder central, tendo sido as Autarquias os principais atores, muitas vezes sozinhos, a lutar contra o agravamento desta dura realidade. -----

----- Mas esta não é a única preocupação que temos. Acenam-nos agora também com um conjunto de legislação de acréscimo de responsabilidade dos autarcas. A lei dos compromissos foi criada para todos os serviços públicos, já está em vigor e confere a responsabilidade ao Presidente da Câmara e a todos os dirigentes públicos que estão ao serviço, a responsabilidade de assinar compromissos de honra sobre responsabilidade criminal pelos atos que praticam. Parece até, que até aqui, não precisávamos de ter responsabilidade para gerir o dinheiro público. Esta lei é extemporânea e demagógica, esta lei mostra que muitos não governaram com responsabilidade. Esta lei provavelmente não será dramática em Odemira, porque quero aqui anunciar e felicitar todos aqueles que geriram até hoje a Câmara, que provavelmente estaremos em condições de a poder cumprir, mas ninguém está em garantia total de dizer que em determinado momento a sua aplicação prática não atrasará ou paralisará algumas atuações urgentes.-----

----- Mas, minhas Senhoras e meus Senhores, quero dizer-vos aqui publicamente, que terei o maior prazer em ser considerado criminoso se tiver que, por exemplo, mandar arranjar de urgência um autocarro para permitir transportar as crianças para as escolas. Farei com toda a certeza, enquanto estiver à frente da Câmara Municipal aquilo a que for obrigado e que a minha consciência determine para cumprir com o interesse público. A lei deve ser cumprida, mas não pode ser um fim em si mesma e aqueles que analisam estas questões, devem ter presente a sua aplicação prática, mas não parece, pois corremos o risco da paralisação de alguns serviços públicos, designadamente na saúde e na educação, porque esta lei é de facto muito restritiva e apela ao conflito entre dirigentes e gestores, quer políticos quer administrativos. É, portanto, uma legislação que nos vem trazer grandes preocupações e que está, neste momento, no centro

da chamada reforma da administração pública. -----

----- Mas temos mais. Estão-nos a confrontar diariamente com situações deveras muito sérias e que vão conduzir provavelmente ao acréscimo do desemprego no nosso país, para além de outros impactes. Começemos pelos dirigentes. Eu pergunto, como será possível dirigir os destinos da Câmara Municipal de Odemira com apenas três dirigentes? Neste momento, temos oito dirigentes. Admitimos que esse número possa ser repensado, mas há Câmaras Municipais da nossa dimensão com mais de vinte. E eu pergunto, a autonomia do Poder Local deve permitir ao Poder Central uma ingerência na sua gestão de recursos humanos? O poder autárquico é eleito direta e democraticamente pelo povo. Mal ou bem, goste-se ou não, eu apresentei um projeto político que foi sufragado. É esse projeto político que está na base da nossa ação e que será analisado e avaliado pelos eleitores. Cabe-me a responsabilidade de o implementar dentro dos recursos que são disponibilizados pelo Poder Central. É evidente que a autonomia do Poder Local não deve ser confundida com independência, mas está a ser posta em causa com tamanhas imposições. -----

----- Neste contexto, os tempos que aí vêm são tempos de ação de uma “troika” do Estado Central, sobre as Autarquias. Mas não fica por aqui, pois já se aponta também para um número limitado de funcionários, de treze funcionários por cada mil habitantes, concretamente. Eu pergunto, como é possível nos próximos anos implementar um modelo destes? Há autarquias que vão ter que fazer uma alteração completa no seu modelo de funcionamento sendo forçados a deixar de executar muitas tarefas atuais, pois alguns deles são utilizados exclusivamente no cumprimento de tarefas da competência do Poder Central. -----

----- A este propósito, será bom recordar que muitas das competências que as Câmaras Municipais atualmente exercem são competências que não são suas, isto é, não são competências diretas das Câmaras. Na ação social, na saúde, na educação, muitas das competências que nós exercemos, são competências exercidas em parceria com o Estado

Central, ou por demissão deste no seu exercício. Vamos ter um conflito permanente. As contas que a Associação Nacional de Municípios Portugueses tem apresentado, dão-nos um número preocupante, pois são cerca de setecentos e cinquenta milhões de euros em dois mil e onze que foram gastos pelas Câmaras Municipais no exercício de competências que não são suas. Estaremos nós, no momento, de devolver essas competências ao Poder Central? Caminhamos numa centralização de competências? Parece-me que não. Parece-me que o país não está preparado para tal, e que é tempo desta reforma olhar em sentido contrário, delegando no Poder Local. O que seria destes meios rurais sem um Poder Local dinâmico e exercido em proximidade com a colaboração das Juntas de Freguesia e das associações locais, a quem saúdo de forma elogiosa. -----

----- Não é possível ser indiferente a estas propostas, agravadas com a incerteza do poder “intermédio” que se pretende criar por via administrativa. A este propósito, diz-se e já foi assumido nos meios de comunicação social, que é possível vir ter estruturas intermunicipais, isto é, organizações de municípios que funcionam com competências transferidas das Câmaras para as associações, ao nível das atuais Comunidades Intermunicipais. -----

----- Mas meus Senhores e minhas Senhoras, as Comunidades Intermunicipais, são associações de municípios, para que possam funcionar têm representantes eleitos nas Câmaras, porém, as competências (e foi uma das conquistas do Vinte e Cinco de Abril) são exercidas por quem é eleito diretamente pelo povo e pode delegá-las, mas o eleito é responsável pelo seu exercício. Eu pergunto, as competências das Comunidades Intermunicipais podem ser competências próprias? Quem é o responsável pelo seu exercício? Diz-se que terão um senado com representantes das Câmaras. Quem é que elege esses representantes para as exercer? Não estaremos a caminhar novamente para a centralização do poder e para que o nosso Estado Central possa governar as Autarquias através de autênticos regedores? No momento em que comemoramos as conquistas de abril precisamos de refletir em conjunto. Não nos podemos

resignar.-----

----- Também na autonomia financeira estamos seriamente preocupados. Anuncia-se que vem aí uma nova Lei das Finanças Locais, a qual desconhecemos por inteiro. Mas gostaria de refletir aqui convosco sobre uma realidade que me preocupa, é que nós todos pagamos cada vez mais impostos e as Autarquias estão cada vez mais com menos receitas. -----

----- Todos sabemos que o Estado Central tem a obrigação de gastar bem o seu dinheiro, tal como nós. A verdade é que diz a constituição que os recursos públicos em Portugal devem ser distribuídos de forma equitativa e que eu saiba, a Constituição não está suspensa, ou não deveria estar... pois é, a nossa Constituição diz que deve haver uma repartição equitativa entre o Poder Central e o Poder Local, mas tal não acontece, pois o que temos assistido é exatamente ao inverso. Em 2002, ou seja, há dez anos eram distribuídos ao Poder Local quatro vírgula sete por cento dos recursos da cobrança de impostos. Neste presente ano, são distribuídos pelo orçamento de estado um vírgula três por cento. O Estado gasta noventa e oito vírgula sete por cento dos impostos que todos nós pagamos através do IVA e do IRC. As autarquias ficam com uma migalha e as Juntas de Freguesia, bem, essas então nem se fala! É preocupante! Reduziram as transferências desde 2009. Não será dramático para as únicas estruturas que sustentam o mundo rural? Pergunto, o que seria do mundo rural sem as autarquias. Não é enfraquecendo o Poder Local que vamos ter com certeza o reforço da nossa democracia e que vamos ter um país mais solidário e desenvolvido.-----

----- Mas, esta realidade é tão mais injusta, e muitas vezes estes números passam-nos ao lado, que desde dois mil e dez até hoje, incluído o orçamento de dois mil e doze, o Estado Central, não obstante vivermos em crise, vai gastar mais trinta e seis mil milhões de euros e sabem quanto vão gastar a mais as autarquias? As autarquias vão gastar a menos trezentos milhões de euros, ou seja, o Estado Central acrescenta despesa pública, consequência de certas asneiras que não vou aqui retratar, e as autarquias tenham as dificuldades que tiverem, veem

emagrecido os seus orçamentos e logo condicionadas as suas capacidades de cumprir a sua missão. Como vai ser possível cumprir as nossas competências e que são os projetos políticos das autarquias, se ainda temos pelo menos mais dois anos de redução nas transferências de verbas do Poder Central para as Autarquias. -----

----- É preocupante! Bem sei que a realidade não é percecionada por todos da mesma forma e há pouco quando a Senhora Presidente da Assembleia Municipal estava a intervir, estava-me a lembrar de uma pequena história que não resisto a contar e que me desculpem, mas julgo que vem a atalho de foice, até porque neste Vinte e Cinco de Abril surgiram algumas vozes dissonantes quanto ao cumprimento dos valores do Vinte e Cinco de Abril, ou seja, um olhar diferente para o momento que vivemos. -----

----- E a história é simples e julgo que tem algum enquadramento, “um empresário do calçado nos anos oitenta foi confrontado com muitas dificuldades na crise do setor do calçado e resolveu mandar dois dos seus melhores vendedores, um para Angola e outro para Moçambique. Algum tempo depois, estranhou não ter qualquer comunicação de nenhum deles e contactou o primeiro, que lhe disse: – Patrão, isto está muito complicado, já tenho bilhete de avião para regressar, porque aqui nós não vendemos sapatos, o pessoal anda todo descalço. Dois dias depois, telefonou ao segundo, e perguntou-lhe: – Não sei se já estás de regresso ou se tenho de comprar o bilhete, disse. Não, não, patrão. Pode comprar mais máquinas e aumentar a produção, porque aqui toda a gente anda descalça, vamos vender milhares de sapatos”. -----

----- Para uma mesma realidade, a conclusão não poderia ser mais diferente! É que perante o contexto atual temos realmente quem olhe para o país como o pior dos cenários. Eu acho que o bom senso, o meio-termo, estará com certeza no enfrentar as dificuldades por todos e não apenas por alguns e, espreitar todas as oportunidades. Mas não é com certeza com o enfraquecimento do Poder Local. Já tornei público e volto a repetir, que no capítulo da reforma política do Poder Local que está a ser proposta, não me revejo na visão das duas maiores forças

políticas, que propõem governos homogéneos, isto é, listas únicas às eleições e daí o mais votado é o Presidente da Câmara que escolhe da lista quem quiser para gerir a Câmara como Vereadores e os restantes são membros da Assembleia Municipal. -----

----- Minhas Senhoras e meus Senhores, sinceramente não vejo vantagens nenhuma neste modelo. Acho que a democracia se pratica todos os dias, e a democracia tem oposição, pois devemos ser confrontados, ser fiscalizados e gostaria aqui também de dizer que o modelo autárquico deveria ser um bom modelo para outros governos e não o inverso. Talvez o país não estivesse como está. -----

----- Oxalá haja bom senso, oxalá se mantenha o modelo atual, que pode ser aperfeiçoado, porque não há, no meu entender, forma mais direta e mais democrática de fiscalizar uma autarquia do que ter oposição na Câmara e ter oposição na Assembleia. Querem fazer da Assembleia Municipal o único órgão fiscalizador das autarquias. Eu pergunto, qual é a disponibilidade pessoal dos membros das Assembleias para fazer essa fiscalização? As pessoas têm as suas vidas, não têm essa possibilidade. Oxalá haja bom senso!-----

----- A nossa democracia, em meu entender, está suficientemente madura, e atribui um papel bem determinado às oposições democráticas pelo que os contributos, as sugestões, a crítica deve ser cultivado com ética e responsabilidade, no exercício do Poder Local. -----

----- Nesta oportunidade, convém lembrar que apesar dos mais cétricos considerarem a nossa democracia em perigo, a verdade é que numa recente análise do “The Economist”, Portugal era visto como uma das vinte e oito únicas democracias plenas no mundo e, portanto, às vezes também criamos dramas sem argumentos. E plena porquê? Pelo pluralismo da sua eleição e da sua prática política. Mas, há um dos dados que nos enfraquece um pouco e que tem a ver com a participação cívica e a ação governativa. Então é aí que nós temos que apostar, melhorando essa ação, e é exatamente por isso que em Odemira temos apostado numa maior participação cívica dos cidadãos, destacando-se a realização em 2011 do primeiro Orçamento

Participativo, apelando a que as pessoas se aproximem da decisão, deem o seu contributo, participando nas discussões públicas dos principais documentos orientadores e das principais propostas locais, precisamente porque é tempo de envolver, apelando a que todos participem um pouco mais e não apenas no ato da eleição.-----

----- Sei que esta reflexão não é suficiente e que o tempo urge, mas não podemos assistir passivamente, sei que muitas imposições e decisões vão ser tomadas nos próximos tempos e que o Poder Local pode vir a ter uma vida muito difícil. Gostaria de apelar à reflexão e participação de todos e de terminar saudando os familiares e os representantes da entidade homenageada, José Poeira e a Caixa de Crédito Agrícola, a quem muito saúdo a todos pela ação que têm desenvolvido em prol da nossa comunidade e gostaria também de saudar de uma forma muito especial, neste momento particularmente difícil do Poder Local, todos aqueles que nestes trinta e oito anos exerceram funções autárquicas. É uma função nobre a qual me orgulho de exercer e à qual eu gostaria que todos dessem o maior contributo como têm vindo a dar até aqui. Em Odemira, a democracia tem uma história digna de registo e honra a todos. Mesmo, nos momentos mais difíceis, sempre enfrentámos as dificuldades e é o que faremos mais uma vez.-----

----- O Poder Local é uma das grandes conquistas do Vinte e Cinco de Abril, é simultaneamente um dos projetos mais bem sucessivos da nossa democracia, basta olhar para aquilo que era o nosso país há trinta e oito anos e aquilo que é nos dias de hoje.-----

----- E, por isso, gostaria de terminar repetindo uma saudação muito especial a todos quantos já exerceram funções autárquicas. -----

----- Muito obrigado a todos! -----

----- Bem hajam! -----

----- Viva o Vinte e Cinco de Abril! -----

----- Viva Odemira!-----

----- Viva Portugal!” -----

----- Seguidamente procedeu-se à entrega das Medalhas Municipais de Mérito: -----

----- A) MEDALHA MUNICIPAL DE MÉRITO À CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA
MÚTUO DE SÃO TEOTÓNIO: -----

----- Interveio a Doutora Isabel Vilhena, responsável pelo Setor de Relações Públicas e Audiovisuais do Município de Odemira, que procedeu à leitura do Diploma referente à entrega da respetiva Medalha. -----

----- **“DIPLOMA** -----

----- ATRIBUIÇÃO DE MEDALHA MUNICIPAL DE MÉRITO À CAIXA DE
CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE SÃO TEOTÓNIO -----

----- O Município de Odemira atribui a Medalha Municipal de Mérito à Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de São Teotónio, fundada em 1911, tendo comemorado o seu Centenário no passado dia 24 de junho de 2011, sempre com a dupla missão de crescimento empresarial e de desenvolvimento local. -----

----- Desde 1911 que a Caixa de Crédito Agrícola de São Teotónio tem vindo a implementar uma estratégia de crescimento assente no território, nas suas pessoas e numa atitude de rigor, de profissionalismo e de independência, sendo o seu desempenho reconhecido como um dos fatores de maior preponderância no desenvolvimento económico do concelho de Odemira. -----

----- A ideia do “banco local” onde cada financiamento é atribuído mediante o conhecimento mútuo de quem empresta e a quem empresta, a ideia da palavra dada e a ideia da honra em cumprir o acordado, fizeram da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de São Teotónio um dos principais parceiros do desenvolvimento de iniciativas e de projetos, tanto públicos como empresariais que, ao longo de 100 anos, ajudaram a construir o concelho que hoje temos. -----

----- Atualmente, o concelho de Odemira e o de Aljezur, detêm uma rede de balcões em

diversos aglomerados, facto e obra que se constitui como uma verdadeira rede de proximidade às populações, criando soluções dinâmicas e de maior aprofundamento da proximidade (como é exemplo o recente balcão da Boavista dos Pinheiros e mais de duas dezenas de Caixas Automáticas por todo o território). É, também, geradora de emprego direto qualificado, com mais de quatro dezenas de colaboradores. -----

----- As Caixas de Crédito Agrícola locais, constituídas em iniciativa global enquanto Caixa Central, constituem hoje o sexto maior grupo financeiro nacional. Contudo, não é esse posicionamento de poderio financeiro que colocou em causa a génese local das Caixas Agrícolas e muito menos no caso da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de São Teotónio que, fazendo jus aos seus princípios fundadores, tem sabido partilhar com a comunidade e as instituições locais, de forma gradual e sustentada, a riqueza por si produzida.-----

----- Esse meritório posicionamento no território tem sido materializado, para além do apoio à promoção de iniciativas indutoras de novas atividades e criação de emprego, no apoio a iniciativas de índole cultural, educativo, desportivo e social, donde se destacam os donativos para aquisição de equipamentos e para a construção de respostas de apoio à família como creches, lares e centros de dia, a parceria no Festival de Mestros de São Teotónio, o permanente apoio às iniciativas escolares e, em conjunto com o Município de Odemira, o papel fundamental como fundador da Feira das Atividades Culturais e Económicas do Concelho de Odemira (FACECO) e do Matadouro do Litoral Alentejano, SA, sendo este um projeto estruturante para o concelho de Odemira e para a região. -----

----- Face ao exposto, e como um exemplo de empreendedorismo e de promoção do desenvolvimento económico e social do concelho, a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de São Teotónio é merecedora da Medalha Municipal de Mérito. -----

----- Odemira, 25 de abril de 2012 -----

----- O Presidente da Câmara Municipal de Odemira,-----

----- José Alberto Candeias Guerreiro”-----

----- A referida Medalha foi entregue pelo senhor Presidente da Câmara Municipal ao senhor António Manuel Louçã, Presidente do Conselho de Administração da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de São Teotónio.-----

----- Interveio o senhor António Manuel Louçã que disse o seguinte:-----

----- “Digníssima Mesa, -----

----- Exm.os presentes,-----

----- Quero agradecer sentidamente em nome de todas as pessoas que conduziram esta instituição durante estes cem anos de percurso, a medalha e o diploma que tiveram por bem conceder-nos.-----

----- Penso que é o reconhecimento oficial daquilo que todos os dias é reconhecido pelos nossos sócios, pelos nossos clientes que permitiram que esta instituição represente mais de cinquenta por cento dos recursos do crédito dos clientes do concelho de Odemira. São eles que trouxeram também esta instituição até aqui e honram-nos com a sua confiança. E será talvez de perguntar porquê? O setor bancário, um setor tão, enfim, criticado e seguramente a sabedoria popular saberá porquê, mas a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de São Teotónio pertence a uma banca diferente, é da banca cooperativa. As decisões na Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de São Teotónio têm cada cabeça um voto, não têm em conta o capital que as pessoas lá têm. E isto é diferente.-----

----- Nós apresentamos publicamente, perante a nossa Assembleia, as nossas contas. Damos a cara e nós não somos escravos do tal mercado, mercado que é hoje uma divindade anunciada solenemente como sendo de facto quem regula todo este planeta, com caras anónimas, forças anónimas e todo-poderoso. O nosso mercado é muito simples. São os nossos clientes que depositam as suas poupanças na Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de São Teotónio que, por sua vez, as coloca nos investidores também do concelho de Odemira e do concelho de Aljezur.-

----- Portanto, é este mercado que nos preocupa!... Fazemos por merecer a confiança deste mercado, das pessoas daqui, as pessoas do concelho de Odemira e as pessoas do concelho de Aljezur. Até ao momento, temos conseguido.-----

----- Penso que, se continuarem a ter a confiança na instituição, ela, a única preocupação que tem é ter força económica e financeira suficiente para poder continuar a fazer o apoio que, desde sempre, tem feito nestes dois concelhos.-----

----- Muito obrigado!”-----

----- B) MEDALHA MUNICIPAL DE MÉRITO A JOSÉ JOAQUIM COSTA POEIRA: --

----- Interveio a Doutora Isabel Vilhena, responsável pelo Sector de Relações Públicas e Audiovisuais do Município de Odemira, que procedeu à leitura do Diploma referente à entrega da respetiva Medalha.-----

----- **“DIPLOMA** -----

----- ATRIBUIÇÃO DE MEDALHA MUNICIPAL DE MÉRITO A JOSÉ JOAQUIM COSTA POEIRA -----

----- O Município de Odemira atribui a Medalha Municipal de Mérito a José Joaquim Costa Poeira, natural de Odemira, dedicando-se desde cedo ao ciclismo e construindo uma carreira de sucesso, tanto a nível individual como coletivo e como Seleccionador Nacional.-----

----- José Joaquim Costa Poeira nasceu em Odemira, em 20 de maio de 1959. Ingressou no ciclismo em 1977, na equipa de Almodôvar, onde se manteve na categoria de juniores até 1978, tendo, logo no primeiro ano, conquistado o título de Campeão Regional do Algarve.-----

----- Entre 1979 e 1981 representou a equipa de Pinheiro de Loures, na categoria de sub-23 e, em 1982, ingressou na categoria de Elite no Coimbrões, de onde, no ano seguinte, transitou para o Lousa/Trinaranjus, onde permaneceu até 1986. Em 1984, venceu a última etapa do tradicional circuito do Grande Prémio Internacional de Ciclismo de Torres Vedras, ao serviço do Lousa/Trinaranjus.-----

----- Em 1987, ingressou na equipa da Sicasal/Acral, onde terminou a sua carreira competitiva em 1991. Permaneceu naquela equipa, até 1995, como Diretor Adjunto, missão que continuou a desempenhar na Federação Portuguesa de Ciclismo, onde passou a desempenhar o cargo de Seleccionador das categorias de juniores e cadetes. A partir de 2001, ascendeu a Seleccionador Nacional das categorias Elites, Sub-23, Juniores e Cadetes. -----

----- Durante toda a sua carreira, como praticante, participou em dez Voltas a Portugal, uma no Coimbrões, quatro no Lousa e cinco na Sicasal. Foi sempre um corredor de equipa, cuja principal função era trabalhar para o coletivo, sem pretensões de carácter individual.-----

----- No plano internacional, são de destacar especialmente as participações na Volta a Espanha pelas equipas do Lousa (1985) e da Sicasal (1989 e 1990).-----

----- Como seleccionador, participou em 16 Campeonatos do Mundo e em três Jogos Olímpicos, além de outras presenças em Campeonatos da Europa.-----

----- No balanço geral, de todas as participações da seleção em Jogos Olímpicos, Campeonatos do Mundo e Europeus, saldou-se pela conquista de oito medalhas, com destaque para o título de vice-campeão olímpico conquistado por Sérgio Paulinho nos jogos de Atenas, em 2004. -----

----- Homem simples, humilde, dedicado e trabalhador, muito nos honra pelos resultados e prestígio alcançados. -----

----- Face ao exposto, e pelo enorme contributo que tem prestado ao ciclismo e ao desporto em Portugal, o ilustre Odemirense José Joaquim Costa Poeira é justo merecedor da Medalha Municipal de Mérito.-----

----- Odemira, 25 de abril de 2012 -----

----- O Presidente da Câmara,-----

----- José Alberto Candeias Guerreiro”-----

----- A referida Medalha foi entregue pelo senhor Presidente da Câmara Municipal aos

filhos do homenageado, Rita Poeira e Pedro Poeira e, à esposa, senhora Celeste Poeira, uma vez que o homenageado não se encontra no país, por motivos profissionais. -----

----- Interveio a senhora Celeste Poeira que disse o seguinte: -----

----- “Senhor Presidente da Câmara Municipal de Odemira,-----

----- Senhora Presidente da Assembleia Municipal,-----

----- Demais entidades,-----

----- Meus senhores, minhas senhoras, -----

----- É uma honra para nós estarmos aqui hoje a receber esta insígnia do Município que reconhece todo um percurso de um homem que realmente tem dedicado a sua vida a uma modalidade, a defendê-la em Portugal e no mundo, não esquecendo, no entanto, nunca as suas origens que é esta bonita vila Alentejana, Odemira.-----

----- É também para nós, um orgulho, estarmos aqui a representá-lo e a receber esta medalha.-----

----- Ele não pode estar presente como foi dito, por motivos profissionais, mas deixa uma mensagem que eu vou passar a ler: -----

----- «Ausente do país pelas minhas funções de Seleccionador Nacional na Federação Portuguesa de Ciclismo, deixo esta mensagem de reconhecido agradecimento pela homenagem que a generosidade dos responsáveis autárquicos da Câmara Municipal de Odemira me quiseram prestar, em sinal de reconhecimento pela minha carreira desportiva no ciclismo nacional.-----

----- Quero sublinhar ainda que deixei Odemira para abraçar com entusiasmo e espírito de sacrifício a prática da modalidade a que dediquei a minha vida e que continuo a servir com o mesmo empenho de sempre, com o objetivo de prestigiar o desporto nacional e a terra onde nasci.-----

----- É com emoção e orgulho que vejo o meu nome associado às cerimónias realizadas

tradicionalmente pelo nosso Município nas Comemorações de Abril. -----

----- Muito Obrigado! -----

----- José Poeira” -----

----- Interveio a senhora Presidente da Assembleia Municipal que felicitou novamente os homenageados e, bem assim, convidou os presentes a assistir à tradicional “Parada dos Bombeiros”, na Praça da República, com as duas Corporações de Bombeiros do Concelho de Odemira, a de Odemira e a de Vila Nova de Milfontes, seguida do “Porto de Honra”, no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho. -----

----- **ENCERRAMENTO DA SESSÃO** -----

----- Não havendo mais nada a tratar, a senhora Presidente da Assembleia Municipal agradeceu a presença de todos nesta sessão solene e deu a mesma por encerrada, pelas treze horas e trinta minutos. -----

----- De tudo, para constar, se lavrou a presente ata que, nos termos da Lei, vai ser assinada pela Presidente da Assembleia Municipal e pelo Secretário. -----

----- A PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL, -----

----- O PRIMEIRO SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL, -----